
A PRODUÇÃO ORAL NA SALA DE AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA E A NOÇÃO DE CRONOTOPO

Silvio Nunes da Silva JÚNIOR¹
Mestrando em Linguística/ UFAL

Essa discussão, inserida no campo inter/transdisciplinar da Linguística Aplicada (LA), surge do meu interesse em investigar, numa pesquisa de mestrado² em andamento, as contribuições da produção oral para o processo de letramento e a formação do senso crítico de alunos de uma escola de esfera pública do interior de Alagoas, a partir da seguinte pergunta de pesquisa: Sabendo que as maiorias das escolas públicas e privadas vêm enfocando apenas no domínio da escrita formal dos alunos, as práticas de produção oral podem contribuir para um processo mais amplo, o de letramento, no intuito de constituir o ensino de português como sendo um ensino de linguagem/ns?

Partindo disso, a perspectiva desafiadora que a pesquisa se enquadra retoma a noção de cronotopo, trazida por Bakhtin (1988), a qual foi continuada por Oliveira (2009), com olhares mais voltados para a educação, já que Bakhtin e o círculo, com essa noção, centravam-se na análise literária. Segundo Bakhtin (1988), cronotopo “Trata-se de uma ligação particular do homem e de todas as suas ações e peripécias com o mundo espaço-temporal” (p. 282). Assim, quando observo o contexto em que me insiro enquanto pesquisador para desenvolver práticas colaborativas a partir da oralidade, fica explícita a ligação dos professores com quem tenho contato para com a centralidade do ensino na escrita e na análise gramatical.

Mesmo com uma problematização um pouco diferente da que é mencionada por Oliveira (2009), onde se trata da inclusão social a partir de um programa governamental no campo da educação, percebo que ambos os interesses (o meu e o dela) se inserem no que a mesma denomina “cronotopo educacional”. No trabalho da autora, esse cronotopo se volta para o discurso de professores no contexto de formação continuada, no intuito de observar como os discursos educacionais se materializam na linguagem. No meu caso, o cronotopo

¹ Endereço eletrônico: junnyornunes@hotmail.com

² Pesquisa na linha de Linguística Aplicada Indisciplinar, que “reconhece a necessidade de não se constituir como uma disciplina, mas como uma área mestiça e nômade, e principalmente porque deseja ousar pensar de forma diferente” (MOITA LOPES, 2009, p. 19).

educacional se relaciona com os discursos envolventes³ (SOUTO MAIOR, 2009) estabelecidos pela prática profissional de professores de língua portuguesa sobre como abordar a língua portuguesa na sala de aula de ensino fundamental, tendo como um dos objetivos específicos ver como isso se materializa, também, na linguagem, o que me faz recorrer, da mesma forma, a Bakhtin e o círculo.

Numa entrevista inicial com a colaboradora da pesquisa⁴ que desenvolvo, retirei o seguinte fragmento para este debate: “A escola onde atuo exige muita prática de escrita dos alunos. De escrita formal, seguindo a norma padrão, o que requer recorrer à gramática sempre”. Nessa linha de pensamento, a relação espaço-temporal estabelecida no discurso da colaboradora é o que constitui a sua identidade profissional, numa perspectiva puramente (auto) biográfica e, por consequência, no seu cronotopo educacional, uma vez que “O tempo do cronotopo é sempre *histórico e biográfico* e o espaço é sempre *social*” (OLIVEIRA, 2009, p. 281, grifo da autora).

Enquanto relação dialógica, o cronotopo não se enquadra num ponto de vista sincrônico⁵, isto é, estático. É tanto que, ao tratar do assunto, Bakhtin (1988) fala em metamorfose.

Com base na metamorfose é criado o tipo de representação de toda a vida humana em seus momentos essenciais de ruptura e de crise: como um homem se transforma em outro. São dadas imagens radicalmente diferentes de um único homem, nele reunidas conforme as diferentes épocas, as diferentes etapas de sua existência. Não há aqui um “devenir” em sentido estrito, mas sim crise e transformação (BAKHTIN, 1988, p. 237).

Nesse sentido, o discurso que permeia a formação de professores de língua portuguesa para o desenvolvimento da prática profissional está, há anos, estatizado, ou seja, pautado no que a professora traz em seu relato sobre o ensino da escrita a partir de regras gramaticais. Dessa forma, direta ou indiretamente com a pesquisa que venho desenvolvendo, pretendo

³ Mesmo não tomando como base a noção de discurso envolvente, desenvolvida por Souto Maior (2009), acho pertinente trazê-la para esta problematização, uma vez que o cronotopo educacional do professor é constituído por múltiplas vozes sociais. De acordo com a autora, os discursos envolventes são tidos em duas perspectivas. Na primeira, eles são vistos como “representações significativas-valorativas dos atos da linguagem que “envolvem” no sentido de estar em volta, ao redor, do sujeito e nele mesmo porque o envolve por dentro também” (p. 113). Na segunda, os discursos são envolventes por suscitarem, assim como o *pathos*, paixões, e seduzem em direção ao outro (*op. cit.*).

⁴ Anteriormente falei em professores no plural por, num momento inicial, ter realizado entrevistas gerais com alguns docentes para denominar um colaborador.

⁵ Retomo, aqui, o estruturalismo linguístico de Saussure (2006 [1916]), mais especificamente, da dicotomia sincronia x diacronia.

gerar uma possível metamorfose no que tange ao cronotopo educacional da professora colaboradora. Visto o que diz Bakhtin (1988), as diferentes épocas que circulam na materialização do discurso de muitos professores de língua portuguesa representam um possível retrocesso educacional quando se observa a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais que defendem um ensino de língua portuguesa que objetiva a constituição de uma competência discursiva (BRASIL, 1998), a qual abarca tanto as práticas escritas, como a produção oral em sala de aula, isso, ainda, tendo relação direta com as práticas sociais que envolvem o cotidiano⁶ social dos alunos em situações de ensino e aprendizagem de língua materna.

Outra característica base da pesquisa que compactua com o que se entende por cronotopo é a possibilidade de dar voz aos alunos a partir de narrativas orais no início, meio e fim da investigação⁷. Nesse tipo de coleta (realizada no início, meio e fim da pesquisa), venho observando as necessidades de se aprimorar o ensino com base nas concepções deles. Machado (2010, p. 215), com base em suas leituras de Bakhtin, pontua que:

O cronotopo foi concebido como uma forma arquitetônica da narrativa que configura modos de vida em contextos particulares de temporalidades. O tempo, para Bakhtin, torna-se pluralidade de visões de mundo: tanto na experiência como na criação, manifesta-se como um conjunto de simultaneidades que não são instantes, mas acontecimentos no complexo de seus desdobramentos. A pluralidade de que fala Bakhtin só pode ser apreendida no grande tempo das culturas e civilizações, quer dizer, no espaço (MACHADO, 2010, p. 215).

Esses contextos particulares se interligam salutarmente com as narrativas orais mencionadas, pois nelas posso ver algumas contradições no discurso dos alunos e, concordando com isso, Bakhtin (1988, p. 245) pontua que “Essas contradições abrem necessariamente uma janela para o tempo futuro”. É a pluralidade existente no discurso dialógico que forma o que o filósofo chama de espaço dialoga com a relação lugar-espaço trazida por De Certeau (1994), na sociologia do cotidiano. Nessa relação, unido ao conceito de tática, o autor considera que para desenvolvê-las é imprescindível que se considere o lugar e o espaço em que determinada prática se concretiza. A relação entre essas noções está

⁶ Refiro-me a cotidiano a partir da noção de tática para De Certeau (2009). Em linhas gerais, as táticas são maneiras de se sobressair de determinada prática, neste caso, da prática docente. Ao estabelecer formas de agir no cotidiano, as táticas atuam como a busca por essas formas.

⁷ As questões levantadas para a produção das narrativas são semelhantes. Elas se caracterizam, sobretudo, pela maneira de compreender, por meio do discurso dos alunos e professores, quais efeitos a pesquisa vem causando no contexto pesquisado.

intimamente voltada à pesquisa sobre a produção oral em sala de aula, pois quando se fala em cronotopo (educacional) como ação dialógica como meio de abrir janelas para o futuro, isso se desdobra nas possibilidades de desenvolvimento de maneiras de se sobressair⁸ de determinada prática estável que considerem essa janela.

Esse tipo de janela representa o tempo e o espaço numa magnitude de signos ideológicos. Nessa perspectiva, “A representação do tempo une-se à do espaço como uma metáfora que se faz real: o tempo se faz visível e o espaço responde a esta visibilidade dos movimentos do tempo e do enredo. Os significados tomam a forma de um signo audível e visível” (BAKHTIN, 1988, p. 258). Os signos que constituem o discurso educacional são concretos, como construções dialógicas, e se significam por meio das histórias e biografias que constituem identidades socioculturais⁹ (HALL, 2003). Por meio disso é que acredito na necessidade de fragmentação da identidade social da colaboradora da pesquisa a respeito da maior valorização¹⁰ das práticas orais em sala de aula. Os cronotopos, nesse sentido, se perpetuam por esses signos a partir do tempo e do espaço em que os significados ganham forma e, apesar da grande diversidade de cronotopos, Bakhtin (1997) ainda os consideram concretos e, também, dinâmicos, como toda relação dialógica.

Segundo Oliveira (2009, p. 279), “através das relações cronotópicas, são colocadas em questão as ligações entre a existência humana pública e a privada: a vida privada e os eventos sociais e políticos constroem significados em uma relação biunívoca¹¹”. Complementando esse pensamento, Bakhtin (1997, p. 374) afirma que a:

Cronotopicidade do pensamento do artista (em particular na arte antiga). Um ponto de vista é cronotópico, ou seja, inclui tanto o momento espacial como o temporal. Nisso se vincula diretamente ao ponto de vista dos valores (hierarquizado)— a relação com o acima e o abaixo. Cronotopo do acontecimento representado, cronotopo do narrador e cronotopo do autor (da última instância). Espaço real e espaço ideal nas artes plásticas. A pintura de cavalete situa-se fora do espaço construído (hierarquicamente), fica no ar.

Nesse contexto, percebo que o pensamento bakhtiniano, mesmo sendo pautado numa perspectiva artística situada na análise estética da literatura, dialoga bastante com as questões

⁸ Estou falando das táticas já explicadas.

⁹ A noção de identidade, com base nos estudos culturais, se volta para uma perspectiva pós-moderna. Hall (2003) entende que as identidades dos sujeitos pós-modernos passam por constantes fragmentações/descentralizações, e é esta característica que as fazem pós-modernas.

¹⁰ Quando falo em valorização das práticas orais quero mencionar a necessidade em se igualar as modalidades de linguagem na aula de língua portuguesa, visto que as duas modalidades de linguagem caminham juntas.

¹¹ Os significados dialogam entre si de maneira harmônica, por isso são imbricados em relações biunívocas.

sociais que orientam toda e qualquer pesquisa sobre ensino e aprendizagem de línguas. No caso da pesquisa de cunho etnográfico¹², os cronotopos de acontecimentos são de suma importância na formação humana dos sujeitos envolvidos. A partir disso, corroboro com Bakhtin (1997, p. 413) quando assinala que:

A complexa correlação entre o sujeito compreendente e o sujeito compreendido, entre o cronotopo do criado e o cronotopo do compreendente que introduz a renovação. A importância de atingir o núcleo criador da pessoa (é em seu núcleo criador que a pessoa continua a viver, ou seja, é imortal).

Pensando por este ângulo, vejo que, enquanto pesquisador, me coloco na posição de sujeito compreendente dos diversos fenômenos que ocorrem no decorrer de uma simples aula de língua portuguesa. Essa fenomenologia¹³ se realiza da maneira em que os alunos participam das atividades e respondem, a cada nova experiência, as perguntas de pesquisa que fiz antes mesmo de denominar professor colaborador e turma a ser pesquisada. Assim, o discurso educacional dos professores e os cronotopos educacionais existentes na constituição das suas identidades sociais, que possuem relação com os discursos envolventes, compactuam com o que penso sobre o emprego das práticas orais em aulas de língua portuguesa que, pelo menos no tocante a realidade que me situei para desenvolver o estudo, carece passar por constantes metamorfoses, as quais podem ser possíveis por meio da pesquisa, neste caso, em LA.

Portanto, os cronotopos, caracterizados pelas capacidades de ver o tempo e de ler o tempo como todas as coisas do mundo (BAKHTIN, 1997), ganham significação na prática escolar, principalmente no que concerne ao ensino de línguas materna e estrangeira que vem sendo alvo de diversos olhares no campo de estudo em que me situo. Ao focar na noção de cronotopo, não pude fugir de outras teorias que complementam as vozes que direcionam a minha pesquisa, como a de discurso envolvente, de tática e de desentendimento, pois estando situado na LA, esse diálogo é, em suma, significativo. Diante disso, busco partir nas minhas ações, do cronotopo em que concretizo constantemente: o de intervir num contexto diferente do que costumo estar inserido (*op. cit.*).

Referências

¹² Pesquisa que adota alguns (não todos os) pressupostos da etnografia, oriunda da antropologia social.

¹³ Opto pelo termo fenomenologia não por partir desse pressuposto para a pesquisa, mas para me referir aos fenômenos linguístico-discursivos existentes nas práticas orais e escritas em sala de aula de língua portuguesa.

ALARCÃO, I (Org). *Escola reflexiva e nova racionalidade*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. Formas de tempo e de cronotopo no romance (Ensaio de poética histórica). In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Hucitec, 1988.

BRASIL, SNEB. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC, 1998.

DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. 7. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2009.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Tradução T. T. da Silva; G. L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MACHADO, I. A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia. In: PAULA, L; STAFUZZA, G (org.). *O círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas: Mercado das letras, 2010, v.1, p. 203-234.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C; ROCA, P. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009.

MOITA LOPES, L. P (Org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

OLIVEIRA, M. G. O professor e a pólis: cronotopos educacionais e inclusão social na escola. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 9, n. 2, p. 273-302, maio/ago. 2009.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SOUTO MAIOR, R. C. *As constituições de Ethos e os Discursos Envolventes no Ensino de Língua Portuguesa em Contexto de Pesquisa-ação*. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, 2009.

Envio: junho/2017
Aceito para publicação: setembro/2018